

Krain-a-kores, uma tribo de mendigos à beira da estrada

182

O globo
08/03/74

O GLOBO
exclusivo

07/03/74

De Etevaldo Dias e Orlando Brito,

envidados especiais de O GLOBO

RIO PEIXOTO DE AZEVEDO, Mato Grosso
— *Yakil, o velho chefe krain-a-kore, veste-se agora com roupas velhas. À beira da estrada, estica o chapéu de palha e pede doces ou carona para Cuiabá. Abandonou sua aldeia, não caça nem pesca mais. Perdeu a postura de chefe e, na sua ingenuidade, oferece a mulher aos motoristas.*

NO DIA 31 de fevereiro fez um ano que os krain-a-kore foram contatados, depois de um longo e paciente trabalho dos irmãos Vilas-Boas. No dia 20 de maio do ano passado os Vilas-Boas deixaram a frente de atração do rio Peixoto de Azevedo, após uma série de problemas com a Funai. Até então, o trabalho de atração continuava, e a cultura dos índios era preservada.

A MUDANÇA

Com a saída dos Vilas-Boas, o posto de atração passou à responsabilidade do sertanista Apoena Meireles, muito apressado em seus métodos de se aproximar dos índios. Em 15 dias ele estava dentro da aldeia krain-a-kore, assustando os índios com foguetes e tiros para o alto. Não demorou muito e os krain-a-kore estavam frequentando o campo de atração. Foi Apoena quem levou Yakil para o primeiro passeio de avião.

Meses depois Apoena foi substituído por Antônio Campinas, mateiro transformado em sertanista e já expulso de outras missões junto aos índios, como quando atuava nas tribos cinta-larga e beijo-de-pau.

Bastaram dois meses de trabalho no posto Peixoto de Azevedo para que Campinas fosse afastado, depois de um relatório do técnico indigenista Ezequias Paulo Heringer Filho, que o acusou de violar os costumes dos krain-a-kore, induzindo-os à prática homossexual.

Foi no tempo de Campinas que os Krain-a-kore começaram a se dispersar. Primeiro, foi um pequeno grupo que surgiu à margem da rodovia Cuiabá-Santarém; depois, outros se juntaram àquele e, até 15 dias atrás, toda uma aldeia estava instalada à beira da estrada. Agora, há grupos que fazem um vaivém entre a estrada e a aldeia indígena.

— Cuiabá-açu, Cuiabá-açu.

O velho Yakil bate a mão direita no peito e aponta com a esquerda na direção Sul, para onde fica Cuiabá. A cidade grande é sua obsessão. Quando o ônibus estaciona, para atravessar na balsa o rio Peixoto de Azevedo, o velho chefe krain-a-kore e os meninos Kocl, loatu, Akari e Yanacé sobem atrás.

O motorista manda que todos desçam, mas eles se sentam nos bancos traseiros, para espanto dos passageiros da linha Cachimbo-Cuiabá, que os olham com curiosidade. Toda vez que os krain-a-kore sobem no ônibus é a mesma coisa: o único que os faz descer é o soldado do 9º BEC, Eller Secotti, que os retira com a promessa de lhes dar mais farinha e açúcar.

A mudança é explicável: eles não caçam mais e ficam na beira da estrada. Quando sentem fome vão pedir comida no acampamento do 9º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), responsável pela construção da rodovia.

Os índios praticamente dominam o posto de balsas do 9º BEC: quando chegam à margem do rio e encontram a balsa parada, penduram-se em seus cabos para atravessar o rio. Se os soldados se negam a atravessá-los, exibem seus facões, em tom de ameaça. Uma vez do outro lado da estrada, saem caminhando rumo a Cuiabá. Até agora, já conseguiram chegar à fazenda mais próxima da cidade, a Monte Azul.

Era um grupo de 30 índios, jovens e velhos. Andaram cerca de 70 quilômetros pela estrada, mas não se sabe o que fizeram quando chegaram à fazenda, cujo dono mandou de volta as mulheres e crianças do grupo, no dia seguinte, numa camioneta que transportava três sacos de açúcar e três de farinha. Os homens, que ganharam algumas roupas, voltaram a pé. As mulheres e crianças também retornaram vestidas.

Os krain-a-kore só não chegaram ainda a Cuiabá, porque ficam sob a vigilância permanente dos soldados do 9º BEC, que, no posto das balsas não têm a ajuda de nenhum funcionário da Funai.

O sertanista atualmente responsável pelo posto Peixoto de Azevedo, Fiorello Parisi, fica lá, a uns 60 quilômetros do posto das balsas, tentando impedir que outros grupos de índios subam para a estrada. Mas, quase não consegue nenhum resultado, já que eles se movimentam à vontade e não se submetem ao seu controle.

Os motoristas que trabalham na linha Cachimbo-Cuiabá, já entendem alguma coisa falada pelos krain-a-kore. Um deles Wanfrido Gonçalves do Expresso Maringá, sabe que açúcar é "lampem" e que "prim-prim" significa "qual é o seu nome?" Ele "conversa" com os índios e quase todos os dias dá-lhes caramelos.

ADVERTÊNCIA

O pessoal que dirige na estrada tem um certo receio de se aproximar dos índios. Tanto Parisi quanto os militares do 9º BEC costumam advertir os motoristas de que estarão cometendo um crime se abusarem das índias ou derem bebidas alcoólicas aos índios. Pelo menos aparentemente, nada disso está ocorrendo, por enquanto.

Mas, todos sabem que a situação ficará incontrolável quando, a partir de abril, os peões começarem o desmatamento das fazendas próximas à área dos krain-a-kore.

A cultura do grupo indígena já está deteriorada. Uma demonstração disso é a atitude de Yakil, oferecendo sua mulher quando os motoristas lhe fazem gestos obscenos. Não se sabe o que se passa quando a cena ocorrer em algum ponto da estrada não controlado pelos soldados do 9º BEC.

PARA MATAR A FOME

Os krain-a-kore gostam muito de açúcar e farinha, a mesma comida que há um ano cuspiam.

Uma tira de pano, apoiada na cabeça, é usada pelas índias para carregar os filhos, quando aparecem mendigando, à margem da Cuiabá-Santarém

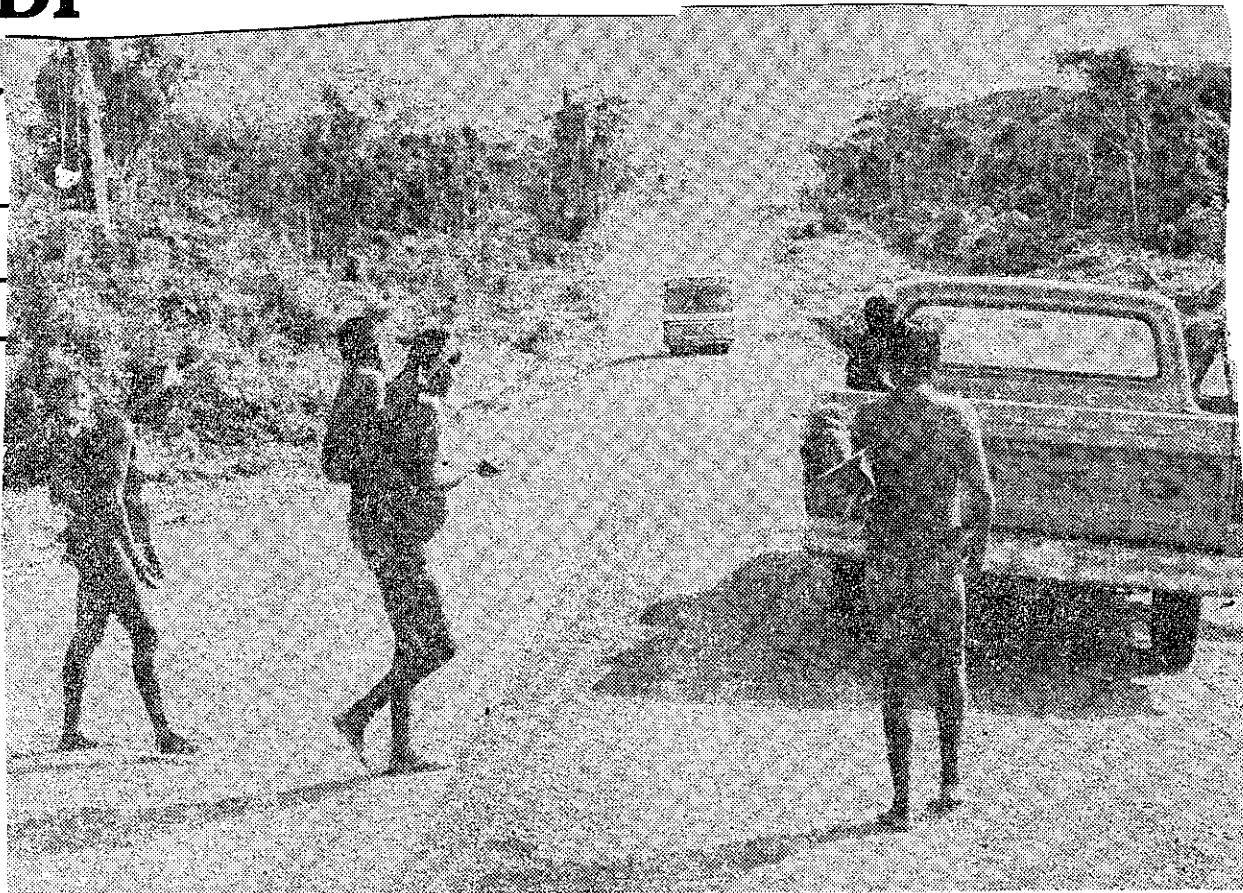


CEDI

Pov

Fonte: _____

Data: _____



Mais rápido que os pais, o menino índio já subiu à carroçaria de camioneta, para a carona

Ninguém tem dúvida de que, mais cedo ou mais tarde, os krain-a-kore chegarão a Cuiabá, de carona em algum caminhão. A carona é uma prática a que eles estão habituados. As índias quando vão apanhar abóbora à beira da estrada, pedem que os caminhões parem e sobem com desenvoltura na carroçaria, sem demonstrar qualquer receio.

OS GUERREIROS

Até os guerreiros da tribo são mansos e risinhos quando estão à margem da estrada, fascinados pelo movimento dos veículos. Com insistência, pedem biscoito, açúcar e farinha. Não falam português, mas se fazem entender por gestos. Os meninos repetem todas as palavras que os brancos lhes pedem e cantam trechos de algumas músicas de Roberto Carlos. Aprenderam também alguns gestos obscenos, que repetem quando solicitados.

Os krain-a-kore passam vários dias no posto das balsas e só voltam à aldeia quando os jovens guerreiros os levam, à força.

— Koci, quer ir para a aldeia? — pergunta Eller, um soldado do 9º BEC.

Koci, um menino de uns 10 anos, responde fazendo careta e indicando que "não", com os dedos.

Os meninos perambulam o dia inteiro pela estrada e sobem na carroçaria dos caminhões que se dirigem para Cuiabá. Vestem-se com camisas velhas e grandes, dadas pelos motoristas e pelo pessoal do BEC. Ajudam no trabalho da balsa e carregam lenha.

As mulheres não usam roupa e permanecem no posto das balsas, ao que parece mais por solidariedade aos homens que por vontade. Mas, não perdem oportunidade de pedir carona, farinha e açúcar.

Da cultura do grupo, resta muito pouco. Só os mais jovens guerreiros usam borduna quando vão para a estrada. Eles demonstram não ter esquecido o incidente em que um negro trabalhador do BEC, atirou num krain-a-kore depois de ser fiçado. Quando eles vêem um negro de barba abrem sua camisa e procuram sinais em seu peito.

Yakil e os meninos parecem já desligados de suas raízes, vivendo em outro mundo. Mas, nem todos se desgarraram por completo: os jovens guerreiros, quando voltam à mata, depois de uma estada à beira da rodovia, jogam as roupas para o alto e fazem algazarra. Estes parecem indecisos, sem uma opção entre "Cuiabá-açu" e a aldeia. O problema é saber até quando eles resistirão ao apelo que vem de fora e ao qual os mais velhos da tribo e as crianças já se renderam.



Yakil, o chefe que abandonou a aldeia, é a imagem de uma cultura em extinção

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Qldo Class.: 102

Data: 08/03/74 Pg.: _____



Os motoristas das linhas de ônibus da Cuiabá—Santarém já se habituaram ao assédio das índias e das crianças à procura de biscoitos, doces e outros alimentos

Krain-a-kores mendigam na estrada Cuiabá – Santarém

O GLOBO
EXCLUSIVO

08/03/74

Passar dias à margem da rodovia Cuiabá—Santarém, pedindo comida ou carona aos motoristas, é um hábito que já se generalizou entre os krain-a-kores, índios que há pouco mais de um ano eram arredios e só foram contatados depois de um paciente trabalho de aproximação dos irmãos Vilas Boas. Agora, pouco resta da cultura do grupo indígena, que prefere ficar à margem da estrada a viver em suas aldeias. Yakil, o velho chefe krain-a-kore, anda pela beira da estrada, esticando seu chapéu de palha e pedindo doces ou uma carona para Cuiabá.

(Página 5)



Mal pára um ônibus ou um caminhão à margem da estrada, os krain-a-kores se aproximam, sempre insistindo em caronas, que os fazem ficar inteiramente fascinados

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Data: 08/03/74

Class.: 1200

Pg.: _____